

História Diversa

Danila Barbosa de Castilho
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danila Barbosa de Castilho

(Organizadora)

História Diversa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História diversa [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-054-4

DOI 10.22533/at.ed.544192201

1. História – Estudo e ensino. 2. História – Filosofia. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A história preocupa-se com o estudo do homem no tempo. O tempo é compreendido como algo complexo, não linear e os documentos produzidos no passado são vestígios que podem ser interpretados sob diferentes perspectivas.

O conhecimento histórico é construído num processo constante de reflexão com os autores, as fontes e as relações sociais. Essa construção torna-se uma tarefa atenta aos contextos e com rigor quando o pesquisador problematiza suas fontes.

Neste processo de construção o passado é lido a partir do presente utilizando fontes – que podem ser escritas, orais, fotográficas, entre outras – e em diálogo com outras ciências como a filosofia, a sociologia, a teologia, a antropologia e etc.

Essa diversidade de fontes, temas e diálogos estão presentes nos textos apresentados nesta coletânea. Diferente das ciências exatas a história está sempre em busca dos porquês.

Ao encontrar uma possível resposta o historiador pode modificar análises feitas anteriormente e provocar novas investigações sob outros pontos de vista. Assim espera-se que esta obra possa, além de divulgar textos recentes, estimular novas pesquisas.

Boa leitura!

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
AS LINGUAGENS DE LIDERANÇA EVANGÉLICA NA COMUNIDADE GÓLGOTA DE CURITIBA/PR NA CONTEMPORANEIDADE	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.5441922011	
CAPÍTULO 2	20
SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL (COLONIAL): UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA OBRA <i>CASA GRANDE & SENZALA</i>	
Lidiana Gonçalves Godoy Zanati Ricardo Oliveira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5441922012	
CAPÍTULO 3	27
<i>PONTIFEX MAXIMUS</i> E MONARQUIA INGLESA: BIPOLARIZAÇÃO E DISPUTA DE PODERES NA ERA ELISABETANA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
DOI 10.22533/at.ed.5441922013	
CAPÍTULO 4	43
SEM QUERER, QUERENDO: CATOLICISMO E POLÍTICA NA AUTOBIOGRAFIA DE ROBERTO GÓMEZ BOLAÑOS	
Priscila de Andrade Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5441922014	
CAPÍTULO 5	55
A AÇÃO POPULAR MARXISTA-LENINISTA E A PRODUÇÃO DE REVOLUCIONÁRIOS NA DÉCADA DE 1960	
Olívia Candeia Lima Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5441922015	
CAPÍTULO 6	67
A CONSTITUIÇÃO OUTORGADA BRASILEIRA DE 1824	
William Geovane Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.5441922016	
CAPÍTULO 7	75
A OCUPAÇÃO AMERICANA E A CONSTITUIÇÃO JAPONESA NO PÓS-GUERRA	
Douglas Pastrello	
DOI 10.22533/at.ed.5441922017	
CAPÍTULO 8	86
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES COTIDIANAS DE VIDA E DE TRABALHO NO VARGUISMO E NO PERONISMO	
Mayra Coan Lago	
DOI 10.22533/at.ed.5441922018	

CAPÍTULO 9	102
COM POUCOS TIJOLOS E MUITOS VOTOS: O CONJUNTO HABITACIONAL ITARARÉ E AS ELEIÇÕES DE 1978 (TERESINA-PI)	
Marcelo de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.5441922019	
CAPÍTULO 10	119
FONTES ORAIS & HISTÓRIA POLÍTICA E OS ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL	
Pere Petit	
DOI 10.22533/at.ed.54419220110	
CAPÍTULO 11	128
O EXÍLIO COMO PRÁTICA DO TERRORISMO DE ESTADO (TDE): O CASO DE UM GRUPO DE GAÚCHOS EXILADOS NO CHILE (1970 -1973)	
Cristiane Medianeira Ávila Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54419220111	
CAPÍTULO 12	141
CONHECENDO AS COMUNIDADES, FORTALECENDO SABERES	
Márcia Regina Bierhals	
Nóris Beatriz Costa Ney	
DOI 10.22533/at.ed.54419220112	
CAPÍTULO 13	149
EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CIÊNCIAS HUMANAS: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA POPULAR NA FAZENDA LARANJAL EM ITAPURANGA	
Valtuir Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54419220113	
CAPÍTULO 14	161
O ESTAGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cristina Aparecida de Carvalho	
Michelle Castro Lima	
Marco Antônio Franco do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.54419220114	
CAPÍTULO 15	175
O LÚDICO NO ENSINO DE ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: VALORIZAÇÃO DE NOSSAS RAÍZES	
Vanessa Cristina Meneses Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.54419220115	
CAPÍTULO 16	182
UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA ORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DO LETRAMENTO	
Augusto José Savedra Lima	
Nilton Paulo Ponciano	
Marta de Faria e Cunha Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.54419220116	

CAPÍTULO 17	190
MULHERES <i>QUEER</i> : CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES DJS	
Edson Sucena Junior	
DOI 10.22533/at.ed.54419220117	
CAPÍTULO 18	202
“LAÇOS DE PAPEL”: AS RELAÇÕES DE AMIZADE, CONFIANÇA E RESSENTIMENTO ESTABELECIDAS ATRAVÉS DA ESCRITA DE CARTAS DA BARONESA AMÉLIA PARA SUA FILHA AMÉLIA ENTRE OS ANOS DE 1885 A 1917 NA CIDADE DE PELOTAS/RS	
Talita Gonçalves Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.54419220118	
CAPÍTULO 19	213
A MULHER, TAL QUAL O PANTANAL SOBREPÕE AOS SEUS LIMITES - MIRELE GELLER, LIMITES ROMPIDOS	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54419220119	
CAPÍTULO 20	229
A RELAÇÃO GÊNERO-RAÇA EM <i>MARU</i> DE BESSIE HEAD	
Valdirene Baminger Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54419220120	
CAPÍTULO 21	241
AGREMIÇÕES NEGRAS: CACUMBIS, RANCHOS, CORDÕES, BLOCOS CARNAVALESCOS E ESCOLAS DE SAMBA (FLORIANÓPOLIS, 1920-1955)	
Karla Leandro Rascke	
DOI 10.22533/at.ed.54419220121	
CAPÍTULO 22	256
ENTRE O RELATO E A ESCRITA: ORALIDADE E TEXTUALIDADE EM O. G. REGO DE CARVALHO	
Pedro Pio Fontineles Filho	
DOI 10.22533/at.ed.54419220122	
SOBRE A ORGANIZADORA	268

AGREMIações NEGRAS: CACUMBIS, RANCHOS, CORDÕES, BLOCOS CARNAVALESCOS E ESCOLAS DE SAMBA (FLORIANÓPOLIS, 1920-1955)

Karla Leandro Rascke

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará –
Faculdade de História
Marabá - Pará

PALAVRAS-CHAVE: História; Agremiações Afrodescendentes; Florianópolis.

RESUMO: O presente capítulo pretende discutir a organização de agremiações negras em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, atentando especialmente para espaços recreativos e lúdicos. Nossas fontes para este trabalho são: documentos impressos (textos, livros, poemas e fotografias, matérias de jornais, letras de composições, atas e estatutos de associações). Almejamos, a partir de expectativas, lacunas, observações e análises de contextos pós-abolição em Santa Catarina (Brasil), refletir sobre as associações ou agremiações organizadas por populações de origem africana na capital catarinense na primeira metade do século XX, enfocando como empreenderam esforços no sentido de construção de uma ideia de cidadania possível. Procurando perceber os impactos das reformas urbanas e os desafios do universo pós-abolição, lidamos com expectativas e projetos coletivos. Neste sentido, cremos contribuir para a ampliação destes estudos no estado e lançar novos desafios em termos de pesquisas que se fazem necessárias neste campo de conhecimento.

1 | INTRODUÇÃO

Diferentes associações de origem africana existiram e existem no Brasil desde a instalação de uma colônia nestas terras. A colonização e a usurpação territorial com ela instaurada, até a construção de um imaginário colonial, envolveu a utilização de mão de obra de milhões de pessoas do continente africano. A partir deste processo forçado, em diáspora, estes múltiplos sujeitos constituíram redes de relacionamento, sociabilidade e solidariedade. Organizar agremiações compunha uma forma também de manutenção de laços culturais de matrizes africanas em contextos diaspóricos.

Tais espaços associativos pautaram suas preocupações em diferentes âmbitos - em especial no século XX, consolidando o fim do regime escravista -, dentre os quais a educação e os processos de escolarização compunham repertório importante para a mudança em termos de situações de exclusão das populações de origem africana no pós-abolição. Intentava-se, neste sentido, um distanciamento da antiga condição cativa, vínculo com a escravidão

passada. Assim, não apenas “homens brancos” teriam poder de registro escrito em atas e prestações de contas de irmandades religiosas, associações cívicas ou recreativas e clubes, mas homens e mulheres afrodescendentes, sujeitos atuantes quotidianamente na vida da cidade de Florianópolis, poderiam expressar pontos de vista e argumentações a partir da escrita.

Este capítulo procura destacar a organização de blocos e ranchos carnavalescos, cacumbis e escolas de samba, retomando fazeres, saberes e produções de origem africana em espaços públicos e festivos, apresentando os momentos de festividades enquanto vivências comunitárias de reatualizações culturais na diáspora. Com base em estatutos, atas, fotografias, memórias, notícias de jornais e impressos diversos, sobre diferentes agremiações, procuramos, enfatizar visibilidades retomadas por mobilizações nas ruas.

A formação das escolas de samba data, em Florianópolis, da década de 1940. O carnaval, no entanto, constitui prática muito anterior, desde o século XIX, composto por sociedades carnavalescas, blocos, ranchos e, no século XX, corsos, cacumbis e escolas de samba. Fantasias, coreografias, performances, formação em alas e composição musical em grupo traziam a público ritmos e cores das práticas festivas afros, marcando ruas da capital, impactando o cenário urbano, reformulando antigas procissões e cortejos festivos, com suas bandeiras, alas, porta-estandartes e grupos de afrodescendentes compartilhando suas celebrações.

Um olhar sobre formas públicas de expressão cultural e artística, por meio do estudo de blocos carnavalescos, cordões, ranchos, cacumbis e escolas de samba permite vislumbrar interesses, expectativas e formas diversas de autodenominação, como de inserção de agremiados. Uma reatualização dos usos do espaço público e a construção de visibilidade positiva destas populações ressurgem na primeira metade do século XX.

Homens e mulheres afros alcançaram meios e ferramentas políticas, sociais e artísticas para movimentar a cidade com ritmos, tons e performances de matrizes africanas. Territórios marcados por códigos culturais de suas matrizes e cujos traços envoltos no samba, na religiosidade e nas expectativas de vida possibilitaram a criação e a consolidação de espaços múltiplos de vivências, memórias e histórias.

Nossas fontes de pesquisa são: materiais do Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, em especial anuários, periódicos, Relatórios de Presidentes de Província e Estado de Santa Catarina e correspondências; documentação de constituições, documentos manuscritos e impressos sobre Florianópolis do Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Centro de Memória); fotografias, documentos manuscritos e impressos sobre Ildfonso Juvenal, Trajano Margarida e Antonieta de Barros, intelectuais de origem africana do Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC); jornais e periódicos contidos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina no Acervo de Obras Raras; Livro Atas da União Recreativa 25 de Dezembro, gentilmente cedida pela professora e pesquisadora

Maria das Graças Maria, uma importante estudiosa do tema e parceira de trabalho e pesquisa; e, Estatutos de associações contidos no Acervo do Cartório Iolê Farias de Florianópolis, 1º cartório de registro de pessoa jurídica da cidade.

Em se tratando da multiplicidade desse significativo *corpus* documental, dimensionar como diferentes agremiações organizaram estratégias de atuação requer perceber como esses grupos transmitiam e conservavam suas memórias. Amparados em suporte teórico de Paul Connerton (1999, p. 15), conduzimos o trabalho com as fontes entendendo que “o conhecimento de todas as atividades humanas passadas só é possível através do conhecimento dos seus vestígios [...] – isto é, as marcas, perceptíveis pelos sentidos, deixadas por um fenômeno qualquer em si inacessível.”

Consideramos fundamental atentar para linguagens corporais em diáspora, compreendendo performances e “memórias ancoradas em corpos negros”. Neste sentido, Stuart Hall (2003, 2010), Muniz Sodré (1998, 2002, 2005[1983]), Esiaba Irobi (2012[2007]), Paul Connerton (1999), Diana Taylor (2013[2003]), Maria Antonieta Antonacci (2015) e outros estudiosos permitem ampliar olhares sobre performances e memórias culturais nas Américas, percebendo como o corpo constitui lugar de memória e suporte de manutenção e rememorações culturais. “Do corpo e de seus prolongamentos materiais e acústicos afloram índices de costumes africanos e perfis de seus documentos/monumento, desdobrando interrogações à história” (ANTONACCI, 2015, p. 18).

2 | UMA CIDADE “MODERNIZADA”

Até meados do século XX, a maioria das reformas remodeladoras, higiênico-sanitaristas, estavam concretizadas na capital catarinense. Homens e mulheres pobres, afros em sua maioria, sem seus casebres ou cortiços - transformados em “belos” sobrados em que pessoas “civilizadas” e homens de negócio teriam morada –, foram arremessados às periferias, contornos da região considerada então perímetro central. Serviços vistos como desqualificados, de baixa remuneração, mas imprescindíveis aos projetos políticos de modernização, constavam entre as inúmeras atividades, ações e experiências diárias destes sujeitos populares de origem africana (RASCKE, 2016).

A relação estabelecida entre estes territórios formados na cidade e nosso objeto de pesquisa refere-se ao fato de que muitos dos “migrantes” advindos das reformas urbanas compuseram as redes de sociabilidade e solidariedade em torno de clubes recreativos, blocos e escolas de samba, cacumbis e grupos voltados para a educação e escolarização dos afrodescendentes. Estes territórios formados por populações de origem africana vindas de diferentes municípios da Grande Florianópolis e daqueles(as) que saíram das regiões centrais da cidade, serão compreendidos, nos dizeres de Cardoso e Mortari (1999), enquanto “territórios negros”.

As reformas urbanas impactaram de diferentes formas sobre as populações

afros do período, pois, além de expulsá-las de seus territórios centrais, demandaram reorganizações e a constituição de novos espaços de lazer e sociabilidades. Estes “territórios negros” podem ser pensados enquanto espaços físicos ou simbólicos, onde as vivências culturais afro-diaspóricas se reatualizam e reelaboram. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos constituía, e ainda hoje constitui, um território negro na cidade, situada, inclusive na mesma região central onde fora fundada no século XVIII.

No entanto, outros territórios negros se refizeram ou fundaram em diferentes locais, como é o caso de clubes recreativos, blocos e cordões carnavalescos, cacumbis, clubes de futebol e escolas de samba, não mais aqueles territórios do perímetro urbano central, visto que a urbanização os expulsara, impedira de viver em áreas ditas então modernizadas, europeizadas e esboçadas geometricamente de acordo com os “requisites” higienizadores das “picaretas”.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, quem quisesse e pudesse arcar com os custos de mudanças e embelezamentos seria gratificado com descontos nos impostos prediais, ao passo que aqueles e aquelas desafortunados acumulavam dívidas com impostos que não conseguiam pagar, dado os poucos recursos de que dispunham. A Abolição e a República não os incluíam na condição de cidadãos plenos e a cidade não os situava enquanto pertencentes àquele território de civilidade almejada.

Diferentes sujeitos históricos e seus territórios culturais, espaços e memórias em disputa na cidade, implicavam olhares, preocupações e a necessidade de intervenção dos poderes públicos, em diferentes âmbitos. Sendo assim, muitas práticas ocorridas em outras capitais e cidades brasileiras também se fizeram presentes nas aspirações políticas de Florianópolis. As políticas de saneamento, de modernização e industrialização em vigor nas primeiras décadas do século XX, não ficaram restritas apenas às grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Na capital catarinense, as propostas políticas e reformas sanitárias revitalizaram as áreas centrais. As transformações também propiciaram a delimitação dos espaços, segregando grupos sociais e suas práticas culturais, através da demarcação de áreas habitacionais das elites, restando à população mais pobre as áreas periféricas.

3 | A ORGANIZAÇÃO DE AGREMIÇÕES DE ORIGEM AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS

Manifestações culturais de matrizes africanas constituíram traços marcantes de práticas vivenciadas em solo brasileiro ao longo dos séculos. O raiar do século XX não foi muito diferente, apesar de suas especificidades, distinta organicidade e impactos de “ordem e progresso” da República, que remodelou ruas, mas também atuou sobre corpos, saberes e práticas. Na mira dessas intervenções, estavam tradicionais culturas

afro-diaspóricas.

Nesse sentido, percebemos que formas organizativas, associações, clubes, agremiações diversas passaram por transformações na primeira metade do século XX, articulando saberes extraocidentais e construindo laços políticos capazes de fomentar políticas públicas necessárias a uma abolição incapaz de atender para as demandas de libertos e suas expectativas de vida. Assim, compreender as diferentes agremiações afros na capital catarinense, neste período, implica entender a dimensão política de suas vivências corporais e também estratégias de consolidação em territórios negros na cidade de Florianópolis.

O carnaval e as práticas em torno desse divertimento possuem origens mais remotas, anteriores ao século XX. Formas lúdicas de festejar constituíam vivências de reminiscências africanas registradas em irmandades leigas e relatos de viajantes desde, pelo menos, o final do século XVIII. No entanto, dado que trabalhos anteriores já enfatizam essas experiências festivas, atentando aos recortes temporais estabelecidos para esse trabalho, debruçamo-nos sobre formas de viver o carnaval, por populações afros de Florianópolis, entre as décadas de 1920 e 1955.

A seguir apresentamos um quadro de algumas agremiações carnavalescas de matrizes afros existentes em Florianópolis na primeira metade do século XX, conforme foi possível apreender de notícias e notas de jornais.

Agremiação	Ano de Fundação	Objetivo/Finalidade
Cacumbi	1923*	Agrupamento religioso devoto de Nossa Senhora do Rosário e também “bloco carnavalesco”.
Flor da Mocidade	1923*	Bloco carnavalesco.
Tira a Mão	1930*	Bloco carnavalesco da Força Pública, onde atuava Ildfonso Juvenal.
Mocotó vem Abaixo	1935*	Bloco carnavalesco.
Grêmio Recreativo e Carnavalesco Brinca Quem Pode	1935*	Clube recreativo e também bloco carnavalesco.
Os Bororós	1939	Bloco carnavalesco conhecido pelos trajes de “tribo”.
Escola de Samba Narciso e Dião	1947	Escola de Samba.

Os Protegidos da Princesa	1948	Escola de Samba.
Associação Desportiva/ Escola de Samba Alvim Barbosa	1948	Escola de Samba.
Embaixada Copa Lord	1955	Escola de Samba, mas em algumas notícias de jornais apareceu como rancho carnavalesco.

Quadro 1 - Agremiações carnavalescas afrodescendentes em Florianópolis – primeira metade do século XX

* As datas de fundação destas associações não conseguiram ser devidamente identificadas. Dado que nem todas possuíam um estatuto registrado, atas de reuniões guardadas e preservadas, bem como informações em jornais que pudessem pautar suas fundações de modo mais fidedigno, esforçamo-nos em, por meio de registros de jornais, de atas de clubes e também de estatutos, localizar e situar algumas agremiações, realizando aproximações de datas possíveis de fundação.

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa a partir das fontes listadas ao final do livro (Atas, Estatutos, Jornais e Documentos diversos).

O quadro sistematiza, de algum modo, as agremiações que conseguimos localizar nos diferentes documentos consultados na presente pesquisa. Os tons e as cores de agrupamentos organizados, como Tira a Mão, Mocotó vem Abaixo, Brinca Quem Pode, Unidos do Tico-Tico, Embaixada Copa Lord, Alvim Barbosa, Os Protegidos da Princesa, Cacumbi, Flor da Mocidade, Aí vem a Marinha e Narciso e Dião, expõem a organização de blocos, ranchos, cordões e a fundação das escolas de samba, vislumbrando o Cacumbi também como uma forma estética e poética de compreender o mundo.

Cordões, blocos e ranchos carnavalescos constituem formas organizativas do final do século XIX, permeados por foliões e uma corte real (no caso de cordões). Os cordões possuíam um estandarte, característica também das irmandades de origem africana, além de uma corte real composta por rei, rainha, príncipe, etc., (MESTRINEL, 2010, p. 1-10) remontando novamente a práticas culturais festivas já vivenciadas pelas irmandades. Elementos destas experiências associativas anteriores foram sendo reformulados, reeditados, reatualizados, atendendo expectativas e anseios dos grupos culturais. Também constituem elementos de conexão cultural entre irmandades e cordões, blocos e ranchos, o uso de diferentes instrumentos musicais, como o tambor, o cavaquinho, instrumentos de corda e sopro.

Conforme apontamos no trabalho *Irmandades negras: memórias da diáspora no sul do Brasil* (RASCHE, 2016), as festas de africanos e afrodescendentes no Brasil compõem-se de ritmos, sonoridades e contornos que fogem a entendimentos e visões ocidentais. Os cargos de príncipe, princesa, músicos, uma figura a conduzir o estandarte e o povo a prestigiar acontecimentos solenes em praça pública, aos olhos de todos, formaram cortejos desde o período colonial brasileiro, trazendo à tona

viveres e saberes africanos pautados em formas próprias de compreender o mundo.

Cacumbis, irmandades negras, congadas e folias de reis tornam-se alvo de políticas da Igreja em fins do século XIX e inícios do XX, no sentido de modelar e uniformizar o catolicismo, tornando-o menos popular, mais centralizado e controlador de práticas devocionais (RASCKE, 2016). Vivenciou-se, a partir de então, de forma muito marcante em diferentes regiões do país, uma intensificação de posturas reguladoras da Igreja Católica, intentando controlar ritmos, instrumentos, sonoridades, cantorias, procissões e tantos outros elementos constitutivos da vivência religiosa de homens e mulheres leigas.

Tal postura da Igreja diante de práticas devocionais leigas, articuladas a saberes e ancestralidades, muitas vezes não condizentes com orientações do novo catolicismo exigido como regra de devoção, pode ter contribuído para que novas formas de vivenciar saberes comunitários de matrizes africanas tenham se constituído. Nesse sentido, a primeira metade do século XX compõe-se de uma multiplicidade de agremiações, muito além das práticas de antigas irmandades leigas, preocupadas com novas formas de manutenção cultural.

Em Florianópolis, inúmeras dessas agremiações formaram-se nas décadas de 1920 a 1950, articulando demandas em torno da educação e do trabalho, do combate ao racismo, do direito à cidadania. Além disso, essas associações pautaram universos lúdico, seja em espaços de “salões” de clubes esportivos, sociais e recreativos, ou nos espaços públicos, em “retomada” das ruas, por meio das agremiações carnavalescas, como ranchos, cordões, blocos e escolas de samba.

Os diferentes grupos agremiados que analisamos eram, principalmente, compostos por moradores de regiões dos morros da capital catarinense (áreas periféricas em relação ao chamado centro). Apontada há muito por jornais, políticos e autoridades como região empobrecida e com problemas sociais, suas populações foram responsáveis, muitas vezes, pelo próprio meio de organizar estruturalmente suas ruas, casas e espaços públicos. Apenas no final de década de 1950 algumas regiões tiveram acesso a serviços públicos básicos, como calçamento de ruas, conservação de estradas.

4 | CACUMBIS, CORDÕES, RANCHOS E BLOCOS

O cacumbi, parte de um catolicismo popular, leigo e imbricado em expressões culturais de origem africana, compunha-se de uma devoção a Nossa Senhora do Rosário, semelhante ao que acontecia nas irmandades afros, destacando um cortejo celebrativo e religioso, formado por capitão e marujos que “disputavam a fé”. Em Florianópolis esta prática remonta a populações de áreas rurais de municípios da Grande Florianópolis que, no pós-abolição, migram em direção à capital em busca de oportunidades de trabalho.

Muito sintomático perceber como diferentes aspectos de culturas de matrizes africanas se vinculam a práticas de catolicismo dito popular, dado seu caráter leigo, gerenciado e vivenciado pelos devotos, cujo poder de articulação e decisão em vida associativa são marcantes e possibilitados pela Igreja. Esta situação sofre alterações quando a Igreja Católica, por medida de Roma, no que se chamou catolicismo romanizador ou ultramontano, passa a atuar fortemente contra práticas antes realizadas pelas irmandades e outras associações religiosas de caráter leigo.

Em relação ao Catumby, sinônimo de cacumbi ou cucumbi, de algum modo, começou a ser incorporado aos festejos carnavalescos. Informações disponíveis sobre este cortejo no carnaval, enquanto bloco, suscita dimensionar diferenciações entre algumas práticas do cacumbi devoção, vinculado às matrizes religiosas de um catolicismo leigo, e o cacumbi praticado em encenações carnavalescas.

No entendimento de Eric Brasil Nepomuceno (2011), os “Cucumbis Carnavalescos não representam apenas uma reprodução de antigas festas coloniais. Eles eram uma manifestação mais ampla, uma elaboração criativa de seus participantes estabelecendo um diálogo entre as novas formas de se brincar o carnaval” (NEPOMUCENO, 2011, p.218). Segundo ele, essa manifestação festiva pública continha “elementos das congadas, dos reisados, das festas das irmandades religiosas, dos cortejos fúnebres, de embaixadas africanas [...]” (NEPOMUCENO, 2011, p. 219).

Brinca Quem Pode era um bloco vinculado ao também clube recreativo de mesmo nome, figurava entre os mais ativos na cidade e sempre compunha os cortejos dos carnavais citadinos. O Brinca Quem Pode estava sempre atento e preparado para “levantar a taça” nos concursos carnavalescos. Também os blocos Sem Ceroulas e Eu Vou Chorar compunham os desfiles das ruas florianopolitanas. O grupo do clube recreativo e carnavalesco, de mesmo nome (Brinca), em 1935 saía às ruas com dois blocos, sendo o Bloco da Thesoura uma “novidade” nos festejos momescos daquele ano. Parecia disputar o título de melhor do carnaval, além de ser conhecido em outros lugares, inclusive na então capital federal, o Rio de Janeiro.

Naqueles idos de 1935, o Brinca Quem Pode recebeu, de admiradores do Rio de Janeiro, “samba, marchas e canções”, dentre as quais a notícia indica uma que tinha nome dedicado ao próprio clube/bloco. O Clube Carnavalesco e Recreativo Brinca Quem Pode apareceu ainda como organizador de outro bloco, o Bloco da Thesoura, articulado para “sahir à rua por todo este mês”, “precedido de um afinado choro” (*A Gazeta*, 05 de janeiro de 1935). O bloco da região do Largo 13 de Maio, situava-se nas proximidades dos antigos bairros da Toca – local de pescadores, nas imediações do Hospital de Caridade -, e do Campo do Manejo – onde ficava o Quartel (CARDOSO, 2008).

O Brinca Quem Pode atuava anualmente no carnaval, aparecendo com frequência na imprensa, sempre caracterizado por diversos elogios e brincadeiras, convidativas também aos interessados em carnaval. Chamava todos a “brincar”, “somente não brinca quem não pode ou é reumático”. Além disso, disputava troféus nos carnavais

da cidade, e muitos foram os seus prêmios em concursos dessa natureza.

Mocotó vem Abaixo também era um bloco afro, cujo nome vinculava a prática do grupo ao morro onde os integrantes provavelmente residiam, o Morro do Mocotó, marcante por sua presença de africanos desde as transformações iniciais da República, no pós-abolição, território presente nas narrativas de Trajano Margarida, intelectual de origem africana bastante atuante e conhecido na cidade, morador daquele morro, onde também colhe memórias de sua avó Geralda, uma mulher ex-escravizada.

Os anos de 1930 foram marcados pelo sucesso de Carmen Miranda, tanto no Brasil quanto no exterior e, nos jornais locais, destacava-se o carnaval, a música considerada brasileira: “os sambas deliciosos, marchas eletrizantes, chôros ferventes, arrancam de nós outros um entusiasmo tipicamente brasileiro. Porque o brasileiro é francamente do ‘barulho’, carnavalescamente candidato ao mais endiabrado e tentador dos folguedos” (*A Gazeta*, Florianópolis, 28 de janeiro de 1939). Aliado ao ritmo embalado pelas rádios, os blocos locais organizavam “brincadeiras” e seus próprios festejos de carnaval.

Além dessa propaganda e/ou divulgação realizada via rádio em relação aos sambas cariocas, tivemos em Florianópolis a produção de sambas, canções carnavalescas, marchas e ranchos de artistas locais. Trajano Margarida, por exemplo, lançou na década de 1930 o livro *Canções Carnavalescas*, uma produção sobre o carnaval da cidade, contendo 10 canções diversas pautando o festejo popular, seus amores, dissabores, ritmo e esplendor. As canções carnavalescas pautam temas do cotidiano, destacando a própria ligação do autor com o carnaval, os blocos e os cordões; além de enfatizar questões financeiras, a instabilidade, o gozo e a alegria do carnaval, o amor e a loucura durante os festejos, o encanto e a sedução, sempre ressaltando a importância de “aproveitar o carnaval”, pois ele “passa logo e vae embora” (MARGARIDA, 1930).

O Chupa mas não engole, outro grupo carnavalesco, consta em diferentes registros jornalísticos da década de 1930, tanto em *A Gazeta* quanto em *O Estado*. Em 1934, saiu às ruas com uma música de “Papai Noel”, talvez como uma forma de “explicar” e/ou ironizar seu próprio nome: “chupou suas balas de mel”. Além do “Chupa”, outros blocos estavam no rol dos grupos organizados para proporcionar ritmos e canções carnavalescas.

Tira a Mão era uma organização afamada “pela sua orchestra e sambas [...] com as suas saltitantes e alegres canções”. O bloco era formado apenas por homens, todos, provavelmente, ligados à Força Pública, trajados com vestimenta branca “picareta”, caracterização que não permite identificar exatamente seu significado. Eram cinquenta personagens em coro pelas ruas cantando o carnaval e seus ritmos. A orquestra “puxava” o grupo, que levava à frente uma “balisa”, figura muito característica da organização dos cordões. O figurante responsável pela balisa remete à figura do irmão procurador em irmandades leigas de africanos e afrodescendentes.

Provavelmente, blocos, cordões e ranchos eram nomeados a partir de

características do grupo mobilizador daquele cortejo, aliando território, aspectos sociais e culturais. Ainda, muitas vezes, esta nomeação poderia ter vínculo com alguma pilhéria, zombaria ou piada, fazendo surgir o Sem Ceroulas ou o Chupa Mas Não Engole, por exemplo. Ambos destacavam palavras de cunho sexualizado em seus títulos, não sabemos se tratavam-se de críticas a situações do período, figuras políticas ou ironias do universo popular, num jogo de palavras bastante peculiar.

Outros blocos, no entanto, continham nomes vinculados a mocidade, flores, bichos e críticas sociais ou ironias com as questões da sociedade. O carnaval de 1923 trouxe nota sobre os blocos Bicharada, Flor da Mocidade, Cacumbis, Yayá olha o prego e Alscacianos (A República, Florianópolis, 11 de fevereiro de 1923). Alguns buscavam retratar suas heranças culturais, como o cacumbi, outros remetendo a um “tipo de ironia bastante comum entre os ranchos” (CUNHA, 2001, p. 171), como era o caso de Yayá olha o prego, bloco cuja nomenclatura crítica e irônica assemelhava-se à postura dos ranchos.

Cunha (2001) ressalta que, em muitas situações, os títulos dessas agremiações eram usados como pretexto para impedir seu desfile, saída às ruas, isso porque “indivíduos considerados suspeitos”, pela polícia, poderiam esconder, sob as fantasias e seus adereços, objetos considerados perigosos, como navalhas ou punhais. Inúmeros foram os enfrentamentos entre esses espaços de festejo popular, em especial, marcados por códigos de culturas de matrizes africanas, e a repressão policial, que via nesses agrupamentos, um cenário de “meliantes” (CUNHA, 2001, p. 203-207).

Em outras ocasiões ou momentos, os blocos remetiam também a regiões, bairros, ruas ou comunidades as quais pertenciam. O Unidos do Chapecó, já presente nos “folguedos de Rei Momo, nos anos anteriores”, indicava a relação com a rua Chapecó, área onde fundaram em 1933 a União Recreativa 25 de Dezembro e, onde, posteriormente outra agremiação vinha à tona, mencionando a ideia de união. Matéria de *A República* de 1956 evidenciava a existência do bloco há alguns carnavais, “revolucionando” as “artérias públicas, com seus sambas, reco-reco, tamborins, cuícas, e acima de tudo com o gingar gostoso de suas ‘cabrochas’” (*A Gazeta*, 14 de janeiro de 1956).

O agrupamento dispunha de instrumentos cujas sonoridades irrompiam em forma de sambas e danças gingadas, enfatizando vozes da diáspora. Com “desdobramentos gestuais e percussivos” (ANTONACCI, 2015, p. 206), corpos afros carregavam memórias encharcadas de movimentos e vivacidade. Denominação da época, estigma da escravidão e marca do racismo, “cabrochas” – significante mesmo de mulata - eram as jovens mulheres de origens africanas a gingar naquele bloco, em ritmo de seus instrumentos e musicalidades.

Ensaaios - refazendo repertórios e atitudes performáticas - e fantasias “originais” - possibilitando transfigurações e recriações -, configuravam marcações do bloco em períodos pré-carnaval, além sentidos exercidos em presenças dos três dias de festejo. No âmbito de saberes em afro-diáspora, as tradições são armazenadas no corpo e

transmitidas “ao vivo” (TAYLOR, 2013), como os desfiles únicos movidos a canções ou enredos.

Em Florianópolis, muitas vezes, ranchos, blocos, cordões e até mesmo escolas de samba acabaram sendo tratados quase como sinônimos em registros da imprensa, além da nomeação indiscriminada, ora aparecendo de uma forma ora de outra. Isso dificulta a sistematização das informações e a compreensão de ações e componentes de cada organização, mas, algumas vezes, pela forma em que os grupos eram apresentados e pelos pequenos sinais que determinada matéria evidencia, torna-se possível cunhar termos relativos a experiências dessas agremiações carnavalescas.

Exemplo disso é o caso do Brinca Quem Pode, que aparece nomeado como bloco carnavalesco, enquanto algumas outras agremiações, como Dião e Narciso, ora consta registrada como escola de samba ora como bloco carnavalesco, dificultam a compreensão de sua atuação no carnaval, além do que, tratou-se de agremiação efêmera, talvez por isso, tão pouco mencionada e estudada pela historiografia catarinense voltada aos festejos carnavalescos.

Também a Embaixada Copa Lord, fundada como escola de samba em 1955, consta como rancho em 1956, na imprensa e na premiação recebida no carnaval. O concurso de blocos, ranchos e escolas de samba acontecia na segunda-feira de carnaval, e a comissão daquele ano resolveu estabelecer um “julgamento comum” às diferentes formas de agremiações carnavalescas, gerando desconfortos. Assim, escolas, blocos e ranchos seriam “julgados” a partir de mesmos critérios, ainda que contassem como formas distintas de organização e vivência do carnaval.

A fundação das Escolas de Samba, além da organização de clubes recreativos, cacumbis, blocos e cordões, possibilitou uma nova realidade para as populações de origem africana. Nos anos 1940 e 1950, os espaços de inserção destas populações voltavam-se mais ao mundo do samba e do carnaval¹. Se, anteriormente, muitos afrodescendentes tinham sua imagem vinculada aos casos de polícia, a emergência das escolas de samba permitiu uma visibilidade positiva, baseada na cultura. No entendimento de Esiaba Irobi, trata-se de pensar as práticas culturais trazidas por estas populações em suas bagagens, as chamadas “escritas performativas” (IROBI, 2012, p. 252). Importa compreender como o corpo constitui “local de múltiplos discursos para esculpir história, memória, identidade e cultura” (IROBI, 2012, p. 277).

Ao tratar a experiência da diáspora africana, a inteligência do corpo, a performance, a dança constitui forte expressão de rememoração, sendo que práticas estéticas e corpóreas (IROBI, 2012) permitem relembrar ou manter laços culturais e

¹ Se na década de 1920, muitas notas da imprensa eram voltadas apenas a clubes e sociedades carnavalescas das classes abastadas, de algum modo, ao longo da década de 1930, em especial, os folguedos carnavalescos das camadas populares começaram a constar em páginas da imprensa, evidenciando clubes e sociedades recreativas, bailes e festas em salões e nas ruas, no espaço público, na forma de blocos, cordões, ranchos e escolas de samba. Essa incorporação dos festejos populares, em matrizes africanas, às notícias do carnaval dinamizou e ampliou abordagens sobre repertórios festivos desse período.

identitários, como códigos culturais de matrizes africanas (MACEDO, 2011, p. 16-18). Neste sentido, a música, a dança, principalmente quando envolviam performances corporais, constituíram formas de manutenção, reatualização e ressignificação cultural de Áfricas nas Américas.

Segundo Cristiane Tramonte, a escola de samba “é uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas da parcela que aí convive no que convencionalmente denominamos o ‘Mundo do Samba’” (TRAMONTE, 2001, p. 8). Para a autora, o samba constituiu e constitui tema de interesse de inúmeros estudiosos na questão da identidade nacional, “na configuração do que se convencionalmente denominamos cultura nacional” (TRAMONTE, 2011, p. 13). Discutindo o samba desde sua formação, a autora aponta as modificações do movimento ao longo do tempo, enquanto era entrudo, depois sua pomposidade elitista e a mobilização das classes populares em torno do ritmo que as representava, em especial nas regiões periféricas dos centros urbanos.

Nas palavras de Muniz Sodré (1998), existe na música africana a chamada síncopa², dita como a “batida que falta” e que, necessariamente, produz uma incitação ao preenchimento dessa espécie de “espaço” temporal existente entre uma marcação e outra. Segundo o autor, “tanto no *jazz* quanto no *samba*, atua de modo especial a síncopa, incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança” (SODRÉ, 1998, p. 11). O corpo, o ouvir, o falar, o cantar, produz movimento e, quando celebrado com vários corpos, mãos, falares, cantares, recria experiências, reatualiza vivências culturais. Mobilizar o corpo, a performance, movimenta saberes, modos de vida alterados e ressignificados na diáspora.

Para José Ramos Tinhorão, as procissões realizadas em Portugal compunham-se de diferentes temas retirados da Bíblia e de lendas cristãs, sendo encenadas na forma de autos. Havia exibição de alegorias, muitos cantos, músicas, coreografias, formando um cortejo organizado em alas. Esta forma de disposição espacial e funcional antecipava, “em quase seis séculos, a criação, nas escolas de samba brasileiras, das chamadas alas, destinadas exatamente a abrigar, durante as procissões carnavalescas, os vários blocos de foliões encarregados de ilustrar o enredo ou tema geral do desfile” (TINHORÃO, 2012, p. 17). Neste sentido, os elementos constitutivos das procissões católicas assemelharam-se posteriormente ao carnaval, como forma de limitar estes festejos aos três dias, como vemos atualmente.

Configuradas em corpo-território, em que cada ser percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, pois seu corpo é “lugar-zero do campo perceptivo”, associações de homens de cor movimentaram-se e construíram “pequenos espaços de organização social”. Na visão de Sodré (2002, p. 118), “os terreiros, a disseminação e

2 “Síncopa, sabe-se, é a ausência no compasso da marcação de um tempo (fraco) que, no entanto, repercute noutro mais forte”; “A síncopa garantia a recriação ou reinvenção dos efeitos específicos dos instrumentos de percussão dos negros”. SODRÉ, 1998, p. 11; 31.

a reelaboração de cultos em todo o território nacional, o espraiamento de organizações sociolúdicas, a música urbana, pequenas redes de socialização” resultam em desvios históricos expoentes da capacidade realizante desses grupos em diáspora.

Os Morros da Caixa e do Mocotó foram importante berço das escolas de samba de Florianópolis, onde se originaram e fixaram duas agremiações antigas: a Protegidos da Princesa e a Embaixada Copa Lord. A formação dessas comunidades conecta-se ao processo de transformações urbanísticas ocorridas no início do século XX, decorrentes da adoção de políticas higienistas pelo poder público municipal. Ambas as comunidades “surgiram” em regiões antes fora dos limites urbanos, “do outro lado do Rio da Bulha”.

Na década de 1940 surgiu o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, agremiação fundada com nomenclatura indicativa da abolição e de apreço à figura da princesa Isabel. A ideia da princesa Isabel como “protetora” relaciona-se ao fim da escravidão, em virtude da assinatura da Lei Áurea. O ano de fundação da “Protegidos” era comemorativo dos 60 anos da abolição, indicativo de que a escolha do nome tenha sentido essas influências também, retomando uma memória em torno daquela data.

Em se tratando dos anos de 1950, um pouco mais tarde, especificamente em 25 de fevereiro de 1955, surgiu a Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord, agremiação fundada no “antigo Morro da Caixa”, sob a direção de Abelardo Henrique Blumemberg, Jorge Fermiano Costa, Valdomiro José da Silva e Juventino João Machado (conhecido como Nego Quirido, nome da atual Passarela do Samba de Florianópolis). “Com a adesão de cem pessoas”, saindo às ruas com duas alas e uma bateria, “em nada ficarão a dever a famosa Escola de Samba de Herivelto Martins, da Capital da República” .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clubes recreativos, escolas de samba, irmandades religiosas, cacumbi, ranchos, blocos e cordões evidenciam presenças africanas na Ilha de Santa Catarina e seus entornos. Aspecto já registrado desde o século XVII, intentamos agora conhecer práticas de matrizes africanas vivenciadas em Florianópolis na primeira metade do século XX, momento de reordenamento da cidade, de migrações de áreas rurais para os contornos periféricos da cidade.

Atentar para as experiências da diáspora inspira e remonta a entrelaçamentos e interações entre África e Brasil, numa experiência interconectada (MOORE, 2012). No entendimento de Amailton Magno Azevedo e Maria Antonieta Antonacci (2012), necessitamos perceber africanos e seus descendentes dentro de “circuitos Europa/África/Brasil, privilegiando mediações culturais da diáspora negra”. Articular memórias, saberes e fazeres em contextos Atlânticos implica compreender trajetórias, vivências e histórias além dominações coloniais.

Procuramos, nesse capítulo, tecer aspectos organizativos e de manutenção de práticas culturais e vivências africanas em territórios de diáspora situados ao sul do Brasil. Podemos compreender, nos dizeres de Antonacci, tratar-se de corpos negros “desenvolvendo performances compassadas por pulsões corporais a partir de sopros, batidas manuais, pressões de dedos no contato com instrumentos, marcando ritmos e breves momentos de pausa, que reativam a memória ou mesmo permitem improvisar” (ANTONACCI, 2013, p. 118). Vislumbramos práticas de homens e mulheres de origem africana pautadas em vibrações, artimanhas e ritmos, na tentativa de cultivar manifestações culturais.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo: EDUC, 2015.

_____. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, 2013.

_____; AZEVEDO, Amailton Magno. Apresentação. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, jun. 2012, p. 7-8. (Tradução: Luciano Dutra). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/13316/9834>.

ALVES, Jucélia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. Da UFSC, Coedição Secretaria da Cultura e do Esporte de Santa Catarina, 1990.

ANDREWS, George Reid. **América Afro-Latina, 1800-2000**. Tradução: Magda Lopes. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática. 1986.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: as experiências das populações de Desterro na segunda metade o século XIX. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

_____; RASCKE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da UESPI**, v. 5, n. 1, p. 99-121, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/95/108>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____; MORTARI, Cláudia. Territórios negros em Florianópolis. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina** - Estudos Contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. 2ª ed. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da Cunha. **Carnavais e Outras F(r)estas**: ensaios de História Social da Cultura. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Brasileiros- Universidade Cândido Mendes/ Editora 34, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora da UFJF,

2005.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito**: identidade étnica e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988). Jundiá: Paco Editorial, 2013.

HALL, Stuart. **Sin Garantías**: trayectorias y problemáticas em estúdios culturales. Popayán: Envió Editores, 2010.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 44, p. 273-293, jun. 2012, p. 2012.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

MARIA, Maria das Graças. Clubes e associações de afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013, p. 263-278.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. O samba e o carnaval paulistano. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, nº 40, fev. 2010, p. 1-10. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf. Acesso em 25 abr. 2017.

MOORE, Robin. Música Negra e a Diáspora: reflexões sobre o Caribe Hispânico. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, jun. 2012, p. 305-319. (Tradução: Luciano Dutra). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6300/9826>. Acesso em: 21 set. 2017.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. **Carnavais da Abolição**: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2011.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Irmandades negras**: outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

RASCHE, Karla Leandro. **Irmandades Negras**: memórias da diáspora no sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2016.

REIS, Aloísio. **Brinca quem pode**: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna Santa Catarina. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: UFSC, 1996.

SILVA, Zélia Lopes da. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo**: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de Negro em Devoção de Branco**: do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

TRAMONTE, Cristiane. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa nas escolas de samba. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-054-4

